

**UMA PRESENÇA HUMANIZADORA: ENTREVISTA COM RONALDO PEREIRA
SOBRE VERA MARIA BAHIENSE¹**

Carlos Eduardo Oliva C. Rêgo*

José Amaral Cordeiro Jr.**

Roberto Mosca Jr.***

RESUMO: Entrevista realizada no âmbito do projeto de iniciação *científica Ciências Sociais e Memória: registro de ações para Educação em Direitos Humanos*, realizado junto ao Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória (GECISME) vinculado ao LAEDH - Laboratório de Educação em Direitos Humanos do Colégio Pedro II - e apoiado pela Pró-Reitoria de PósGraduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC) do Colégio Pedro II, com o professor Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira, afilhado da professora Vera Maria Bahiense e ex-aluno do Colégio Pedro II, que nos dá um depoimento a respeito da trajetória de vida de sua madrinha, primeira chefe do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, que ingressou no colégio como professora da disciplina de OSPB – Organização Social e Política Brasileira. A publicação deste relato é uma das iniciativas para comemoração dos 30 anos do Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II, que busca contribuir com o estabelecimento de uma memória acerca de docentes que formaram este departamento ao longo dessas três décadas.

Palavras-chave: Ensino de Sociologia, Histórias de Vida, Trajetórias

ABSTRACT: Interview for the scientific initiation project *Social Sciences and Memory: record of actions for Education in Human Rights*, with the Study Group in Social Sciences and Memory (GECISME) linked to LAEDH - Laboratory of Education in Human Rights of the Colégio Pedro II - and supported by the Dean of Graduate Studies, Research, Extension and Culture (PROPGPEC) of Colégio Pedro II, with professor Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira, godson of teacher Vera Maria Bahiense and former student of Colégio Pedro II, who gives us a statement about the life trajectory of his godmother, first head of the Sociology Department of Colégio Pedro II, who joined the school as a teacher of the discipline of OSPB – Brazilian Social and Political Organization. The publication of this report is one of the initiatives to commemorate the 30th anniversary of the Department of Sociology of Colégio Pedro II, which seeks to contribute to the establishment of a memory about the teachers who formed this department over these three decades.

Keywords: Teaching Sociology, life stories, trajectories

¹ Entrevista realizada em 26 de outubro de 2021 remotamente, em meio à pandemia de Covid-19, gentilmente concedida pelo Prof. Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira, diretamente de Lisboa, a quem os autores agradecem por participar de nosso projeto de pesquisa e pela revisão da presente entrevista.

* Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutor e mestre em Ciência Política pela UFF. Especialista em Ensino de Sociologia pelo CPII. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pelo IFCS-UFRJ. É vice-líder do LAEDH (CNPq) e pesquisador do GECISME vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutorando em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ, mestre em Sociologia e Antropologia pelo PPFSA-UFRJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UFRJ. Pesquisador (CNPq) do GECISME, vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

*** Professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Doutorando e mestre em Ciências Sociais pelo PPCIS-UERJ. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais pela UERJ. Pesquisador (CNPq) do GECISME, vinculado ao LAEDH. Revisou esta entrevista.

Carlos Eduardo Oliva: Olá, professor Ronaldo! Agradeço a concessão dessa entrevista, que é um misto de depoimento com bate-papo com você, que é afilhado da professora Vera Maria Bahiense, sobre quem vamos conversar, diretamente aí de Portugal, onde você atua na Universidade Nova de Lisboa como pesquisador.

Ronaldo Guilherme Gurgel Pereira: Obrigado pelo convite, fico à disposição no que eu puder ajudar.

C.E.: Sabemos que o pai da Vera Maria se chamava Elzio Bahiense, falecido em 1991, e que ele foi professor de Geografia do Colégio Pedro II, mas não obtivemos nenhuma informação sobre a mãe dela, Dona Erondina Martinez Bahiense. A professora Vera Bahiense comentava sobre o pai e a mãe?

R.P.: Que eu saiba, ela seguiu para esse caminho das Letras por causa do pai, por influência do pai, que eu sei que tinha uma biblioteca. Eu não me lembro se eu cheguei a conhecer o pai dela, tenho a impressão de que eu conheci a mãe, mas eu era muito pequeno e a irmã dela, Vilma, frequentava minha casa, era amiga da minha mãe, ela veio a muitos aniversários meus do meu irmão também. A minha mãe era professora de História e ela conheceu a minha madrinha em um desses colégios particulares em que elas foram colegas e ficaram muito amigas, um colégio no Lins ou no Méier.

C.E.: Qual era a formação da sua mãe?

R.P.: Ela fez a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e veio para o Rio na altura da ditadura, porque estava muito visada para o lado de lá, ela tinha parentes aqui no Rio e dava aulas numa escola particular. Ela era nascida em fevereiro de 1940...

C.E.: Regulava a idade com a Vera Maria Bahiense, que era de 29 de novembro de 1943, eram contemporâneas coetâneas. Não sabemos se Vera era do Rio mesmo, sabemos apenas que o pai era professor do Colégio Pedro II desde pelo menos a década de 1950, tendo ele, segundo nossa pesquisa, atuado antes no DASP [Departamento Administrativo do Serviço Público], onde talvez tenha sido colega do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, que atuou por lá na mesma época que ele. O Elzio Bahiense tem até discurso publicado na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 1940, e atuou no X Congresso Brasileiro de Geografia, de 1944, fazendo parte da mesma comissão sobre Metodologia Geográfica e Ensino de Geografia de que participava o Delgado de Carvalho, a esta altura um professor de Geografia que

recentemente tinha deixado de ser o professor de Sociologia do Colégio Pedro II. Vera Maria deve crescer nesse ambiente que o pai lhe proporcionava e isso pode ter levado ela a escolher cursar Ciências Sociais na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, que depois se fragmenta, dando origem ao IFCS da UFRJ, com ela se formando na licenciatura no início de 1968.

R.P.: A madrinha não falava muito desse ambiente familiar e nem da vida escolar comigo, porque eu acho que tinha a questão da minha idade. Sei que teve alguma desavença com a irmã dela, Vilma, por causa do espólio do pai, mas depois que ela morreu, sua filha, Vera Regina Bahiense Ferro se reaproximou da tia, e houve uma reconciliação.

C.E.: Procurei pela filha dela, Vera Regina, que é major e médica do Exército, mas não tive êxito nesse contato, junto ao Hospital Central do Exército e junto a uma página nas redes sociais da filha dela, ou seja, da neta da Vera Maria Bahiense, Thaís Ferro. A Vera Maria chegou a conhecer as netas?

R.P.: Sim, conheceu...

C.E.: A esta altura, você já tinha se distanciado um pouco mais dela, na última etapa da vida dela?

R.P.: Nesta última etapa da vida dela ela estava mais centrada na filha, que tinha ido para Manaus e estava buscando meios de se mudar, de se transferir para lá. E durante isso eu estava no auge das minhas demandas da Universidade. Então eu estava naquela época em que a pessoa simplesmente some, não tem parente, não tem amigo, não tem vida social. Eu fazia sete disciplinas, licenciatura à noite, bacharelado de dia... Eu passava algum tempo com ela, mas ela viajava, já estava naquela altura de viajar muito lá para o Norte, e os nossos assuntos não eram muito assuntos acadêmicos ou profissionais, eu sabia que ela dava aulas na SUAM além do Colégio Pedro II. Nessa época, falávamos apenas de coisas pessoais e espirituais... saudades da filha em Manaus, sobre a doença, sobre as minhas ansiedades também... Ela comentava que estava ocupada porque tinha que corrigir provas da SUAM, sei que ela dava aulas para a graduação em Educação Física lá, não sei se ela tinha outras turmas. No Colégio Pedro II, sei que foi assessora do Professor Barbosa, no Colégio Pedro II, na Unidade São Cristóvão II, quando ele foi diretor na década de 1990. Eu fui aluno do Barbosa também no 1º grau, hoje ensino fundamental, depois eu saí da unidade eu fui fazer o segundo grau fora de São Cristóvão. Então isso diminuiu ainda mais o meu contato com ela.

C.E.: Vocês chegaram a conversar sobre alguma filiação intelectual, algum livro?

R.P.: Ela tinha uma biblioteca muito grande e desde sempre tinha essa intenção de me ajudar a gostar de ler e ela visitava os meus pais e me levava sempre um livro e eu tinha que ler o livro e explicar para ela no próximo encontro que nós tivéssemos, ela ia me tomar a lição do livro, o que eu tinha entendido, o nome do autor do livro, nós conversávamos a respeito do livro e ela me trazia normalmente mais um. Então era esse o nosso contato e sempre foi através disso, nós irmos ao cinema juntos, um contato ligado a essa coisa de cultura, de consumo de cultura, quando nós íamos ao cinema, nós voltávamos conversando sobre o filme, para tentar entender passagens do filme, discutindo os personagens... Então era sempre uma maneira de aproveitar mais, de ver a diferença entre um livro e um filme, e conforme eu ia crescendo ela me trazia um livro um pouco mais complexo. Mas, por exemplo, eu não me lembro de ter visto na biblioteca dela *O Arquipélago Gulag* e eu comprei em um sebo esse livro do Soljenítsin e achei fascinante e levei para ela, porque eu tinha esse hábito de ir lá e discutir algumas coisas com ela que eu achava que tinha descoberto, mas ela já tinha lido, já conhecia. Ela não conhecia Tolkien, que, por exemplo, eu descobri no início dos anos 1990 porque um amigo meu tinha um *O Senhor dos Anéis* com aquelas páginas amarelas, livro que era da mãe dele, então eu li aquilo em 1991, 1992, 1993... achei aquilo uma coisa revolucionária, louca, e fui mostrar para ela e ela não conhecia.

C.E.: Que livros ela te deu dos quais se lembra?

R.P.: *Pedro Malasartes*, *A Revolução dos Bichos* do George Orwell, *O Inspetor-Geral* de Nikolai Gogol... Antes de entrar no Colégio Pedro II, fui aluno do Colégio Marista São José e usei livros no Marista São José que eu não precisava comprar, pois pegava na biblioteca dela. Pedro Malasartes mesmo, eu não me lembro em que série, mas eu já tinha lido quando pediram no colégio que lêssemos.

C.E.: E ela era sua madrinha de batismo na Igreja e vocês eram vizinhos, moravam próximos?

R.P.: Sim, de batismo na igreja, e morei muito tempo perto da rua dela, no quarteirão dela, e eu me mudava muito com a minha família, mas ficava pela Tijuca, Vila Isabel, então sempre fiquei muito por perto e ela também sempre esteve por ali, em uma casa própria desde que eu me entendo por gente, na mesma casa na Vila Isabel...

C.E.: Era casa ou apartamento?

R.P.: Uma casa de dois andares em uma rua pacata, tranquila...

C.E.: Era o endereço que informou ao Colégio Pedro II quando ingressou na instituição, Rua Senador Soares, nº 26?

R.P.: É isso! Se ela já estava por lá quando entra no Colégio Pedro II, já não sei. Talvez a casa tivesse pertencido aos pais, eu não sei, mas sempre morou no mesmo lugar. Eu me lembro que eram duas residências e que em algum momento, quando eu era um bebê ou quando eu era muito pequeno, fizeram uma obra e converteram aquela casa em uma casa só...

C.E.: Você é nascido em que ano?

R.P.: 1977.

C.E.: Ela entrou no Colégio Pedro II em 1981, você tinha três ou quatro anos.

R.P.: Eu morava longe nessa época, no Jardim Botânico...

C.E.: Depois você fica mais próximo...

R.P.: Acho que com oito anos eu fui para a Tijuca e depois disso sempre vivi pela Tijuca, mais para o Andaraí, para Vila Isabel, sempre ali no entorno.

C.E.: A partir de 1985, você aos 8 anos, pega um momento em que ela já estava estabelecida no Colégio Pedro II, ela tinha se casado antes, em Novembro de 1964, e localizamos a certidão de casamento dela, já havia se divorciado em 1978. Então a essa altura estava também na vida pessoal em uma fase nova. Na sua vida adulta, você também começou a ter conversas sobre sua vida universitária com ela?

R.P.: Quando cursei a disciplina de Sociologia da Educação na UFRJ, no Campus da Praia Vermelha, tive uma boa professora, não me lembro o nome, mas foi quem me mostrou o Gramsci e eu comecei a ler muito e achava aquilo muito interessante. Então, para variar, quando eu me encontrei com a minha madrinha, eu fui falar que eu tinha lido esse autor, perguntei se já tinha ouvido falar de Gramsci, e ela conhecia, né? E ela me mostrou que ela tinha coisas do campo da Sociologia, alguns livros comentados, anotados, eu não cheguei a pegar emprestados. Eu acho que isso tem a ver também com a criança que vai crescendo e vai alcançando as prateleiras mais altas da estante, vai conseguindo ver outras coisas.

C.E.: Ela inclusive tinha o mestrado em Educação lá pela Faculdade de Educação da UFRJ, do Campus da Praia Vermelha, que ela obteve em 1978, quando você tinha um aninho. Ela defendeu a dissertação dela e um ano depois publicou um artigo em inglês na revista *Educational and Psychological Measurement* em co-autoria com as orientadoras dela, Lília da Rocha Bastos e Alda Judith Alves, além de um professor chamado William Michael, da University of Southern California. E localizamos também três monografias dela, mas não identificamos a finalidade dessas monografias, que nos permitem verificar a bibliografia sociológica muito interessante usada por ela. Uma se chamava *O Orientador Educacional e os efeitos da comunicação de massa no comportamento do adolescente*, de 1977. A outra, *A importância da Fenomenologia no processo de aconselhamento*, de 1979. E a terceira, *Conceito de contracultura e as possibilidades de sua identificação num pequeno grupo observado*. Usava Karl Mannheim, Ely Chinoy, Solomon Asoh da Psicologia Social, Moema Toscano, Alvin Tofler, Récasens Siches, Robert K. Merton, Wright Mills, Ortega y Gasset, Theodore Roszak, William Goode e Paul Hatt, Gordon Allport, autores como Carl Rogers, Abraham Maslow e Rollo May da Psicologia Existencialista, o filósofo Merleau-Ponty, entre outros.

R.P.: Não conhecia esses trabalhos, mas seguramente eu sabia que ela falava inglês, porque meu pai me comprava aqueles cartuchos do Atari e vinham ali dentro umas revistinhas contando a história do jogo em forma de quadrinhos, sempre em inglês, então era lá que eu ia bater para saber afinal o que estava escrito ali, ela tinha que explicar para mim toda a historinha que tinha ali...

C.E.: E isso na época não era muito típico, não é?

R.P.: Sim, meu pai mesmo dizia que ninguém que ele conhecia falava inglês, a única pessoa que ele sabia que podia me ajudar era a minha madrinha, então eu já guardava para quando fosse na casa dela...

C.E.: Seu pai também lecionava?

R.P.: Não, meu pai era engenheiro e ele trabalhava para o DNER. Minha mãe dava aula na rede pública, ali perto do Horto, no Colégio Estadual Manuel Bandeira...

C.E.: Eu já sei que vocês não conversaram sobre a sua experiência como vestibulando, mas...

R.P.: Não, ela ficou muito feliz quando eu passei! Foi ela que pagou meu kit, porque antigamente, na época do guaraná com rolha, nós comprávamos um kit no Banco do Brasil e

nesse kit vinha o formulário onde nós nos candidatávamos para a UFRJ, para a UFF, para essas universidades públicas. E foi ela que pagou meu kit, eu não tinha a quem pedir para pagar o kit. Então eu paguei o kit meio que no último dia do prazo para fazer a submissão e eu lembro que ela ficou muito feliz que eu passei. Eu não passei em primeiro lugar, mas eu tive uma boa colocação, passei para o primeiro semestre e eu me lembro que ela ficou muito feliz, ela falou dos tempos dela, sim, mas eu não consegui reter na memória a experiência que ela teve de vestibulanda...

C.E.: Você fez História e depois foi para o mestrado em História Comparada na UFRJ. Na ocasião vocês devem ter conversado também sobre a sua aprovação para o mestrado...

R.P.: Sim, na altura o meu programa de mestrado ainda não estava creditado pelo MEC. E então, como eles ainda não estavam creditados pelo MEC, o lado bom foi que eu não precisei pagar para fazer as provas, ainda era tudo de graça, aí no final do meu primeiro ano veio a creditação, era um programa novo, se não me engano fui da segunda ou a terceira turma devidamente creditada. Então eu lembro que nós conversávamos a respeito disso. As nossas conversas eram muito ligadas a aquilo que eu queria fazer, o que eu queria ser, ela sempre me dava muita liberdade de falar de mim, porque eu era muito introvertido, não gostava muito de aparecer, sempre ficava muito anônimo. Muita gente que estudou comigo e me encontrou de novo não lembrava de mim. Eu tinha esse talento para não fazer ruído. Então ela gostava de me fazer falar de mim, fazer mostrar quais eram as minhas ambições e eu falava que eu queria sair um dia do país, que eu queria passar por uma experiência de intercâmbio, não sabia nesta altura como que funcionava isso, se eu podia fazer um sanduíche ou se eu podia fazer um curso inteiro fora, mas ela me chamava pra dizer que eu podia, que eu não era pior nem melhor do que ninguém nesse ponto, que era uma questão de preparar um projeto, de me esforçar. Então ela me encorajava muito a sonhar e correr atrás do que eu queria, essas coisas. Ela sempre foi uma presença adulta muito benéfica para mim e isso acaba sendo um arquétipo, ela para mim sempre foi associada à biblioteca dela. Eu me lembro dela e automaticamente eu vou para o cômodo onde estavam os livros, é uma associação que eu não consigo separar: eu me lembro dela assessora da Direção, lá naquele prédio da unidade de São Cristóvão II, eu me lembro de pegar carona com ela, eu me lembro muito bem disso tudo, são memórias muito vivas, mas automaticamente eu tenho que lembrar dos livros lá na prateleira do lado da televisão, o sofá, eu vejo o cômodo, sinto o cheiro dos livros, são memórias que eu não consigo dissociar...

C.E.: A Vera Regina, filha da Vera Maria, tinha que idade, regulava com sua idade?

R.P.: Ela era mais velha, não sei qual era a nossa diferença, eu acho que a nossa diferença era de no mínimo cinco anos... Eu me lembro que eu era muito novo, muito criança, ela já fazia medicina...

C.E.: Ah, seguramente mais de dez anos... Vera Maria então revive, de certa forma, talvez, ali na sua infância, um pouco daquela relação maternal...

R.P.: E eu também fui muito próximo da filha, Vera Regina, só que como ela era mais velha, ela saiu de casa quando eu era muito novo também, eu não sei qual é a trajetória dela, pode ter a ver com pós-graduações que ela possa ter feito. Eu me lembro de uma ocasião pontual, em que eu vi a Vera Regina com muitos amigos crescidos também, lembro que ela fez o concurso para o Exército, entrou para a base de Oficiais do Exército. E eu me lembro que foi a Vera Regina que me levou para ver o filme “O Retorno de Jedi” no cinema em um daqueles grandes cinemas de rua da Tijuca que agora talvez sejam uma drogaria ou uma igreja neopentecostal. Naquele Cine Carioca ou no Cinema América, em um dos dois, foi ali que eu assisti. Eu me lembro que eu tinha uns 8 ou 9 anos, que eu só poderia ter entrado ali porque eu tinha um adulto comigo, então essa era a nossa diferença de idade.

C.E.: Entendi! E a Vera Maria fazia alguma militância política?

R.P.: Ela sempre votou na esquerda, pelo menos em 1989 ela vota pelo PT, mas eu não sei se era um compromisso partidário ou se era um compromisso ideológico, se ela, por exemplo, em algum momento votou no PDT. Meu pai era PDT, era Brizola. Minha madrinha, eu não me lembro se ela tinha esta essa ligação brizolista. Mas eu me lembro que para presidente ela votou no Lula naquela eleição em que o Collor ganhou, ela votou no Lula com certeza, duvido que ela tenha votado no Fernando Henrique, ela sempre esteve à esquerda, mas eu não sei exatamente em que parte do espectro da esquerda ela estava, nunca foi radical, ela sempre foi muito moderada, muito sóbria. Mas daí a dizer que ela militou, que ela fez parte de algum partido, isso passou para mim completamente despercebido.

C.E.: E você havia me dito que ela era espírita...

R.P.: Era kardecista, mas quando ela morreu ela teve uma missa católica, então eu acho que o

kardecista não se dissocia do catolicismo, que é quase uma filosofia paralela. Que eu saiba, ela nunca teve um compromisso religioso que fosse também radical nem nada...

C.E.: Você disse que não foi aluno dela por questões éticas?

R.P.: Pois é, não sei se conheceu o professor Livingstone.

C.E.: O professor José Amaral Cordeiro Jr., que não está aqui hoje conosco, do Grupo de Estudos em Ciências Sociais e Memória, já o entrevistou, também sozinho, não participei, mas conheço de nome. Sei que cursou Direito, foi trabalhar com outra coisa e saiu do magistério e do Colégio Pedro II.

R.P.: Em São Cristóvão II eram dois professores de OSPB para a 8ª série, era ela e o Livingstone. Como eu era parente, ela tentou negociar com ele que ela não pegaria a minha turma, eles negociaram isso de comum acordo e, assim, não ficava nada estranho se eu tivesse uma nota boa ou ruim, isso era problema do professor e nada podia ficar esquisito. Era uma coisa para proteger os dois e ela ficar protegida porque não tinha ali nenhum tráfico de influência nem favoritismo e eu ficava protegido também, não haveria ali uma mistura de relações.

C.E.: E você anos depois, quando vai concluir seu mestrado, já não é com ela viva, porque você até a dedica a sua dissertação à memória dela, e foi assim que a gente localizou você. E hoje você é um egiptólogo que tem todo um reconhecimento do seu trabalho, internacionalmente. Na ocasião, você estava fazendo a sua dissertação, quando ela morre. É uma pena, ela não soube da sua ida para o doutorado...

R.P.: Isso, ela morreu em 2004 e eu defendi a dissertação em julho de 2005 e foi um pouquinho depois que ela morreu por acidente de trânsito, em 26 de março de 2004, a minha defesa foi em 25 de julho de 2005, mas a entrega da dissertação foi bem anterior e deve ter sido no final de 2004. Depois, comecei a me corresponder com os professores de fora e tive uma entrevista presencial. Em 2007 eu deixei o Brasil para fazer o meu doutoramento. Então ela não soube de nada nesse sentido. Ela sabia que eu tinha o projeto, que eu queria terminar o mestrado e fazer o doutoramento em algum lugar, mas na altura em que ela morreu o meu grande projeto era

fazer o meu doutoramento na UFF ou talvez ir para São Paulo, para a USP, que era o mais distante que eu conseguia imaginar. Na altura, também não se fazia Egiptologia no Brasil fora desse centro. Hoje em dia tem em Rio Grande do Norte, tem em Manaus, tem vários lugares com pessoas que trabalham com isso, eu teria muito mais opção agora, mas não conseguia esses contatos dentro do Brasil, não estavam disponíveis e eu tentei para fora e calhou de alguém resolver me aceitar. Ela também não conheceu a minha esposa, eu estava começando a namorar Daniela na altura, eu lhe falei “eu estou namorando Daniela, mora em Niterói” e nós chegamos a conversar sobre ela, de um dia marcar para ela ir conhecer a minha madrinha. Mas nessa altura a filha dela trabalhava em Manaus, por causa das Forças Armadas, em que você é transferido para onde precisam. Eu não lembro se ela foi acompanhando o marido, Engenheiro e também oficial do Exército, e por alguma razão tiveram que ir para Manaus, eles estavam os dois lotados lá. Bom, de tempos em tempos ela ia passar uma temporada longa com a filha, todo ano, e nessa altura em que ela foi em uma das últimas vezes, ela já comentava comigo que queria vender a casa ou alugar ou fazer alguma coisa para se transferir definitivamente. Ela já estava diagnosticada com câncer, já tinha algum tempo, independente do acidente o câncer era muito agressivo, eu não me lembro se ela já estava em metástase, mas estava muito avançado e ela meio que sabia que agora era uma questão de tempo, não tinha mais cirurgia recomendada nem nada e sabia que ela ia terminar os dias dela onde ela quisesse. Ela queria terminar os dias dela em Manaus, porque a filha estava lá e a Vera Regina era muito importante para ela. Com certeza era a pessoa que mais poderia contribuir para vocês construírem essa memória da Vera Maria.

C.E.: Ela era fumante?

R.P.: Sim, ela fumava muito, eu acho que era uma questão geracional. Eu me lembro que meu pai fumava horrores também. Acho que meu pai começou a fumar muito jovem.

C.E.: Seu pai era do Rio Grande do Norte, como sua mãe?

R.P.: Não, era mineiro e os dois se conheceram no Rio, inclusive, se não me engano, através da minha madrinha.

C.E.: Talvez às vezes até os maridos pudessem ser conhecidos, porque o ex-marido da Vera Maria Bahiense era desenhista...

R.P.: Pode ser, talvez um desenhista técnico...

C.E.: Talvez o mesmo círculo de amizade.

R.P.: Certeza que a minha madrinha e minha mãe eram colegas em uma escola em que davam aula, conviviam no magistério, mas eventualmente começaram a construir amizade e tal, então meu pai foi apresentado à minha mãe através da minha madrinha.

C.E.: É muito interessante essa forma como a Vera Maria realmente interfere, no bom sentido, na sua trajetória, até com a apresentação dos seus pais! E essa participação da Vera na sua construção acadêmica acaba dando uma centralidade para ela na sua vida, assim ela é uma referência...

R.P.: Bastante idealizada por mim, ela esteve presente em momentos dramáticos, especiais e importantes na minha vida. Em grandes encruzilhadas dos caminhos que eu tive que traçar, eu precisei dela e sem ela não tinha feito o vestibular e só fiz o concurso para ingressar no Colégio Pedro II por influência dela. Uma experiência que moldou a minha personalidade, porque meu tempo no Colégio Pedro II, a minha relação com a leitura que eu tento passar para o meu filho, se formou nessa fase. Quando quero estimular que meu filho leia, penso “bom, o que eu faria se eu fosse a minha madrinha, como é que ela ia fazer para convencer a criança de que esse livro é bom, como é que eu faço para discutir a interpretação desse texto com a criança? Eu me baseio nisso quando eu levo a criança ao cinema, como é que eu vou puxar os assuntos? Foi através dela que eu comecei a ler livros sem ilustrações, por exemplo, e tirar prazer de uma leitura que não é estimulada por imagens, criança ainda. Isso me ajudou muito, para me alfabetizar, para desenvolver o meu vocabulário e me ajudar a articular, a dizer o que eu quero, o que eu penso, como eu quero interagir com o mundo ao meu redor. E isso foi muito importante com a participação dela.

C.E.: Não é à toa que ela vai ser uma artífice desse Departamento de Sociologia do Colégio Pedro II. Uma pesquisadora desde antes de entrar no Colégio Pedro II, com mestrado em Educação em uma época que não era tão comum se obter um título de mestre como hoje, e ela tinha ainda uma série de cursos e habilitações, uma delas até para ser diretora escolar no Estado

da Guanabara, dava aula em outros lugares, lá no Colégio Atenas, que ficava em Madureira, no Colégio José de Anchieta, que talvez seja esse colégio religioso onde conheceu sua mãe, dava aula também no ensino superior, não só na SUAM, mas também na Souza Marques e na Castelo Branco, que eram faculdades privadas populares aqui no Rio, lecionando na pós-graduação na Faculdade Olavo Bilac. E com aquele referencial bibliográfico que citamos, em uma linha sociológica que não era marxista, mas que era sofisticada, na interface com a Psicologia Social. Quero te agradecer mais uma vez por essa entrevista, que nos ajuda a construirmos uma imagem da Vera Maria Bahiense, que era a chefe do Departamento de Educação Comunitária, graduada em Ciências Sociais, que, junto à Maria Lúcia Pandolfo, também graduada em Ciências Sociais redigiu o documento que sugeriu a inclusão de Sociologia no ensino de 2º grau e uma disciplina no 1º grau voltada para a cidadania, que é o embrião da atual disciplina de Ciências Sociais oferecida no Ensino Fundamental no Colégio Pedro II.

R.P.: Eu realmente não esperava o convite, agradeço por esse nosso contato, foi um prazer conhecê-lo, não sabia que a minha madrinha tinha sido tão relevante para o Colégio Pedro II, que ela tinha ajudado a fundar um Departamento de Sociologia que hoje conta com núcleos de pesquisa e investigação. Realmente fiquei mesmo surpreso e eu realmente espero que vocês consigam eventualmente contactar a Vera Regina Ferro, que vocês complementem essas informações com o que ela puder contribuir! E, como afilhado, eu fico muito satisfeito, fico muito feliz por ter tido essa oportunidade de retribuir, de demonstrar o reconhecimento, porque sempre fui muito fechado, até com ela, então poder deixar registrada minha gratidão, essa minha dívida intelectual, eu sou um herdeiro intelectual dela e ela foi uma presença humanizadora muito competente na minha formação! Feliz em poder registrar isso na forma de uma documentação e deixar isso registrado para a própria memória do Colégio Pedro II, que também foi uma instituição que moldou a minha personalidade. Eu também tenho uma dívida grande com o colégio, sempre fui muito consciente de que eu tinha essa dívida, então é uma maneira de demonstrar também a minha a minha gratidão pelo Colégio Pedro II! Bom trabalho para vocês também!

C.E.: Você também honra muito o Colégio Pedro II sendo um de seus ex-alunos! Tenha certeza disso!

R.P.: Foi no Colégio Pedro II que eu descobri a minha vocação para egiptólogo, em uma daquelas feiras de ciências, em que eu comecei a trabalhar com o Araken de Abreu e Silva, que me reprovou, mas ficou meu amigo, e me ajudou a montar maquetes, ele era egiptólogo amador e nós fizemos uma feira de ciências toda em cima de relações trigonométricas e matemáticas nas proporções das pirâmides e daí ele teve um esforço muito grande. E foi no Colégio Pedro II que eu descobri o que eu queria fazer da vida! Também, verdade, foi o desespero de ter uma boa nota lá na feira de ciências, que me estimulou, mas é isso...

C.E.: Sim! E com a atuação da Vera Maria Bahiense, essa presença humanizadora a que você se referiu, sem dúvida alguma também junto aos alunos também, que devem ter relatos muito parecidos com o seu. Então, Ronaldo, te agradeço muito e novamente por esse depoimento diretamente de Portugal!

R.P.: Fico à disposição para outros contatos! Muito obrigado e bom trabalho para vocês!